



BELEZA, PROFISSÃO E MATERNIDADE: CONFIGURAÇÃO DA MÃE EM “THE GOOD WIFE”

Alvanita Almeida Santos ¹

Mãe é a palavra chave das reflexões deste artigo. Segundo o modelo mais difundido – o da “mãe de todos nós”, Maria, a virgem – a beleza e atividade profissional não fazem parte dos seus atributos mais valorizados. Antes de mais nada, são a ausência de vaidade, a abdicção de si mesma e disponibilidade incondicional os traços que os discursos sobre a mãe tem buscado consolidar. Um ser absolutamente assexuado.

Pretendo, pois, a partir de uma breve análise da forma como é apresentada a personagem Alicia Florrick (Juliana Margulies), da série americana *The good wife*, observar como essa mãe tem aspectos que modelam um perfil diferente do habitual, embora o texto dos personagens deixem entrever elementos que se mantêm inalterados, como a sugerir que, mesmo abrindo-lhe horizontes para pensar um pouco em si, o papel de mãe não pode ser negligenciado.

A maternidade é uma das funções da mulher que parece encontrar os mais sólidos argumentos de um atributo natural. Associada à ideia de procriação, considerando a capacidade biológica de criação da vida, a maternidade configurou-se, em momentos diferentes, como uma negatividade ou como uma positividade. Questionada pelas mulheres, gerou, muitas vezes, uma recusa deste papel, conforme lembra Diva Muniz.

Não obstante o potencial desestabilizador presente em tais recusas, pela possibilidade acenada de questionar, denunciar e mesmo romper o caráter inexorável da maternidade, e assim promover a retomada, pelas mulheres, de seus corpos enquanto seres humanos, é muito forte a presença da maternidade na vida e no desejo da maioria delas²

Tendo sido por muito tempo uma experiência biológica, a maternidade passa a ser pensada pelos estudos feministas pela forma como é engendrada pela cultura, que busca respaldo na ideia de que toda mulher potencialmente pode ser mãe. Segundo Stevens (2007), desde os anos 1970, vários estudos buscaram historicizar a problemática da reprodução e da biologia feminina. Tais estudos tornaram possível afirmar que a reprodução não é um fato biológico atemporal. Afirma ainda a autora: “observa-se um uso ideológico da biologia”³.

¹ Doutora em Letras; Professora Adjunta Universidade Federal da Bahia (UFBA). alvanitaalmeida@ufba.br

² MUNIZ, Diva do Couto G. Apresentação. In: STEVENS, Cristina M. T.(org.). *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007. p. 10

³STEVENS, Cristina M. T. Maternidade e feminismo: diálogos na literatura contemporânea. In: STEVENS, Cristina M. T.(org.) *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007. p. 19



As feministas posicionaram-se de diferentes maneiras com relação à questão da maternidade. Em um primeiro momento, sob influência de Simone de Beauvoir, reprimiu a experiência da discussão sobre a maternidade, evitando a identificação com a biologia e, portanto, com a relação mulher=corpo.

Na década de 1970, busca-se uma conscientização sobre as cruéis distorções das formulações patriarcais acerca da maternidade, mas também se procura despertar a mulher para o potencial positivo dessa condição. As teóricas do período que militavam nesse sentido pautavam-se na revalorização da diferença.

Agora, em um terceiro momento, busca-se redefinir os termos mãe/maternal/maternidade, problematizando a questão, uma vez que a maternidade, é a um só tempo, um dos pilares do patriarcado e um componente da identidade feminina, no dizer de Cristina Stevens, “ao mesmo tempo, um locus de poder e opressão, auto-realização e sacrifício, reverência e desvalorização” (2002, p. 24). A pesquisadora questiona:

O que é ser mãe? O que significa ‘maternal’? Não podemos imaginar que há respostas definitivas para essa complexa indagação, formulada a partir de variadas perspectivas. Acredito que o feminismo começa a escutar as histórias que as mães tem para contar, acredito também na importância da resignificação da mãe/do maternal, para que possamos nos livrar de sacralizações e fantasias que nós mulheres naturalizamos por tanto tempo.⁴

Badinter (1985), em livro que provocou reações apaixonadas tanto contra como a favor, considera que o instinto materno não existe. Questionada porque empreende uma análise desse instinto, objeto que alguns biólogos consideram exclusividade de sua área, mostra que também se trata de um objeto da filosofia ou da história. E analisa o amor materno na relação entre a trilogia: mulher, marido e filho.

Ao realizar um percurso histórico de como se configurou o “amor materno”, Badinter observa que a mãe é comumente identificada à Maria, assexuada, virgem antes, durante e depois do parto. Mas afirma que seu posicionamento é de pensar a mulher pela diversidade de experiências.

À ideia de “natureza feminina”, que cada vez consigo ver menos, prefiro a de uma multiplicidade de experiências femininas, todas diferentes, embora mais ou menos submetidas aos valores sociais cuja força calculo. A diferença entre a fêmea e a mulher reside exatamente nesse “mais ou menos” de sujeição aos determinismos. A natureza não sofre tal contingência e essa originalidade nos é própria.⁵

Ao discutir a “mãe ideal”, Badinter mostra como Balzac descreve sua personagem nas *Memoires de deux jeune mariées*. Renée tudo investe na maternidade, porque esta representa seu

⁴ STEVENS, Cristina M. T. Idem. p. 24-25

⁵ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



único consolo numa vida sem paixão, sexualidade ou ambição. A relação mais próxima que a mãe tem de um corpo sexuado é a do aleitamento: de um lado rejeitado pelas mulheres, pela dor e suposta deformação dos seios; de outro lado, tomado como um momento de prazer, de contato íntimo com a criança.

Embora a acrença na concepção imaculada como evidência de divindade tenha sido comum em civilizações antigas, o processo de cristianização da literatura pagã, a necessidade de negação da nossa origem na matéria, a glorificação da castidade e demonização do sexo, tudo isto se processou de forma incompreensivelmente cruel e doutrinária e, a meu ver, ainda merece muitas análises, pois esses dogmas escondem muito mais do que revelam. O corpo da mãe foi transformado em bode expiatório para os temores da carne, da mortalidade; ao mesmo tempo, como nos mostra a psicanálise, é o *locus* de nossa união perdida com a mãe, nosso primeiro objeto libidinal.⁶

No texto em que discute a configuração dos corpos femininos, Grosz também discute o corpo da mulher cujo poder de reprodução, que a vinculará ao ser que gera e a quem dá à luz, a tornará mãe e a deixará vulnerável:

A sexualidade feminina e os poderes de reprodução das mulheres são as características (culturais) definidoras das mulheres e, ao mesmo tempo, essas mesmas funções tornam a mulher vulnerável, necessitando de proteção ou de tratamento especial, conforme foi variadamente prescrito pelo patriarcado.⁷

Grosz reconhece, entre as feministas, grupos que apresentam posturas diferentes com relação ao corpo. Um deles – daquelas que define como igualitárias – vê um conflito entre o papel de mãe e o de política ou cidadã. Neste caso, se a mulher adota o papel de mãe, seu acesso à esfera pública, social, torna-se difícil, se não impossível, e a equidade dos papéis dos dois sexos perde o sentido. Outro grupo – do construcionismo social – pensa mais positivamente acerca do corpo: em lugar de um obstáculo a ser vencido, toma-o como objeto biológico, como uma política de funcionamento, marcando socialmente o masculino e o feminino como distintos. Codificam a oposição mente/corpo pela distinção entre a biologia e a psicologia e pelos domínios da produção/reprodução (corpo) e da ideologia (mente). A distinção entre o corpo biológico “real” e o corpo como um objeto de representação é uma suposição fundamental. Um terceiro grupo – o da diferença sexual – considera o corpo crucial para a compreensão da existência psíquica e social da mulher, mas não como objeto a-histórico (biologicamente dado, não cultural). O foco, neste último caso, é o corpo vivido, o corpo representado e utilizado de formas específicas em culturas específicas. O corpo, para este último grupo, é significativo e significado e é também um objeto de sistemas de coerção social, inscrição legal e trocas sexuais e econômicas.

⁶ STEVENS, Cristina M. T. O corpo da mãe na literatura: uma ausência presente. In: STEVENS, Cristina & SWAIN, Tania Navarro (orgs.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008. p. 89

⁷ GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. In: *Cadernos Pagu*, Campinas/SP, n. 14, 2000. p. 67 Disponível em <<http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad14/n14a03.pdf>> Acesso em 22 fev. 2010.



Pensando nas configurações do corpo da mulher, lembro os padrões atuais de beleza, para tratar da questão dessa mãe bela da série estudada. Os modelos atuais não se assemelham aos modelos ancestrais, a considerar as imagens recorrentes de estátuas que simbolizavam deusas, bem diferentes dos de hoje, sobretudo pelo valor que se dava a seu poder de engendrar a vida, como vemos nessa imagem da estátua da Vênus de Willendorf ou Mulher de Willendorf – da qual não se sabe ao certo o significado, mas que se costuma interpretar, por suas formas que valorizam o seio e a barriga, como sendo o retrato idealizado da mulher em função da fertilidade.



Nesta primeira década do século XXI, quando se pensa que a mulher conseguiu conquistar muitos espaços e provar que as competências humanas dependem fundamentalmente de um contexto histórico e social que apresente condições para o seu desenvolvimento, faz sucesso estrondante – nos Estados Unidos atingiu a marca de mais de treze milhões de espectadores – uma personagem que nasce de uma história de sujeição “voluntária”, casada, dedicada ao marido e aos filhos, tendo abandonado uma carreira que se revela promissora.

A vida da mãe-esposa, na série que tomo como objeto de estudo, *The Good Wife*, no período anterior ao acontecimento que culmina com a prisão do marido e com a necessidade da mulher de retornar ao mundo profissional, é o exemplo do que mostra Stevens (2007), referindo-se ao estudo de Toni Bowers, de que “a partir do século XVIII (...) apareceu com mais força a figura da esposa em tempo integral e da mãe como personagens essenciais na estrutura familiar”⁸.

⁸ STEVENS. Idem, Ididem. p. 25



Alicia Florrick ressurge como das cinzas de uma situação estável burguesa. Sua vida pregressa, que aparece em episódicos flashes, parecia bem acomodada. Casada com um bem sucedido advogado, promotor de justiça, influente politicamente, poderoso e rico, ela se vê envolvida no escândalo que atingiu seu marido, acusado de corrupção. Além dessa situação, ainda precisa conviver como a divulgação pela mídia dos casos extraconjugais do esposo com garotas de programa.

Ela, que acreditava viver uma vida perfeita, vê ruir seu castelo e fica diante da necessidade de voltar a trabalhar para sustentar a família, uma vez que todos os bens são confiscados e/ou bloqueados com a prisão do marido. Com dois filhos adolescentes, precisa mudar da casa em que morava, em um condomínio de luxo, para um apartamento menor.



Cena de um dos episódios da série, em que Alicia aparece com os dois filhos.

Será admitida na firma de associados de um amigo do seu tempo da faculdade – Will Gardner (Josh Charles), sócio da Stern, Lockhart & Gardner. Entra como associada júnior, após 15 anos afastada da profissão, que abandonou para se dedicar ao lar. Seu desempenho é tão bom que nos perguntamos como teria sido esse momento em que largou a carreira pela família. Tem uma atuação tão impecável que duvidamos de que esteve tanto tempo tão longe do exercício da advocacia, sobrepondo-se ao seu concorrente, um também associado júnior, Cary Agos (Matt Czuchry), uma vez que os dois estão em disputa por uma única vaga na empresa.

São vários os aspectos que chamam a atenção nessa série que estreou em novembro de 2009, inclusive outras personagens femininas, como Diane Lockhart (Christine Baranski) e Kalinda Sharma (Archie Panjabi), cuja presença e força chegam a se igualar à da protagonista. No entanto, faço aqui um recorte, mesmo com relação à Alicia, para deter-me no aspecto da maternidade e na forma como está corporificada a personagem no que diz respeito ao seu papel de mãe.



Para a reflexão que proponho, penso na ideia acima apresentada do corpo para além da configuração biológica, mas inscrito em um sistema sócio-histórico, objeto de sistemas de coerção social, inscrição legal e trocas sexuais e econômicas. A justificativa para pensar Alicia dessa perspectiva é a construção da imagem da personagem que privilegia a profissional, de uma área como a advocacia que sugere um estilo sóbrio, mas elegante. Correspondendo ao padrão, ela está quase sempre com um terninho, às vezes de saia às vezes de calça. Ela abandona uma outra forma de apresentar-se – nos flashes relativos a sua vida antes dos acontecimentos que a fizeram voltar ao mundo do trabalho, ela aparece com roupas mais leves, mais claras, vestidos florais – para adotar uma versão mais profissional.



Imagem do primeiro episódio da série.

No primeiro episódio da série, quando se apresenta a situação desencadeadora da trama, a imagem de Alicia é sóbria, como deve ser a esposa de um homem público poderoso, relativamente apagada – ela usa um terninho quadriculado, saia, colar de pérolas discreto, cabelos presos. Tem-se um salto no tempo de seis meses, para o momento em que ela começa a trabalhar, aparecendo, então, com os cabelos soltos, em um terninho preto, de calças. Leio essa mudança como uma indicação, na aparência, na transformação da esposa e mãe para a profissional.



Essa nova situação não a exime das responsabilidades com os filhos, que, durante o tempo em que está no trabalho, ficam com a sogra. É emblemático o toque do celular, quando a filha telefona no primeiro episódio: “mãe, atende o celular”. O episódio três mostra-a arrumando-se e arrumando os filhos pela manhã, antes de sair para o trabalho. Os conflitos para manter seu lugar e papel de mãe aparecem em diversos momentos, tanto com a sogra, que vai tomando decisões, aproveitando-se de sua ausência, como com os filhos.

No episódio cinco desta primeira temporada, a sogra sugere que ela deve levar os filhos para visitar o pai na prisão, por causa do aniversário dele. Alicia informa que ela e Peter (Chris Noth) decidiram que não seria o momento deles o visitarem. À revelia dessa decisão, a sogra leva os netos para visitar o pai. Quando Alicia toma conhecimento, a sua reação é imediata: “Ou você me respeita como mãe ou vai embora”. Ela ainda se preocupa com a reação dos filhos nesta visita à prisão. Conversa com a filha que afirma não ter problema: não gosta do lugar em que ele está, mas é seu pai. Esse episódio deixa patentes também outras questões, algumas que vão sendo desenvolvidas em outros momentos: o fato, por exemplo, de ela necessitar chegar tarde – ao avisar à sogra, esta, chateada, pergunta o que deve dizer aos filhos. Alicia responde: “Diga que os amo e que vou ligar à noite”. O trabalho fará com que precise ficar mais tempo no escritório para dar conta de resolver o caso em questão, o que levantará suspeitas em sua relação com Will Gardner.

Sua reentrada na vida profissional será constantemente colocada em xeque. Em conversa com o marido, Peter, ele afirma: “Obrigada por bancar a chefe de família. Não será para sempre”. A fala reflete a ideia de que o lugar de provedora que ela agora ocupa não é o seu devido lugar. É um lugar transitório, ocupado apenas devido às circunstâncias.

A exigência social é tão grande que a personagem afirma não ter mais tempo, porque após o trabalho todo o tempo livre agora é para os filhos. Parece, de início, abdicar da condição de mulher sexuada. Mas ao longo dos episódios vai se evidenciando algum indício de uma relação diferente



entre ela e Will Gardner. Em conversa entre os dois, no episódio dezessete, Will afirma: “Filhos muda tudo, não é?”, ao que ela responde: “Claro”.

No episódio sete, há uma sugestão de flerte com um advogado a quem ela está ajudando. Ryan (um advogado que está exercendo ilegalmente a profissão) tenta seduzi-la, mas ela se afasta. Ele, então, pergunta se é porque ela é casada. Ela confirma, mas alega também os filhos.

Nessa configuração da mãe, o chamado instinto que toda mãe supostamente tem para adivinhar o que os filhos fizeram é evidenciado, quando, neste episódio sete, ao chegar em casa, a sogra está esperando para falar sobre o filho, pois ela o ouviu no telefone, conversando com uma garota de programa. Ela conversa com ele, ele confirma, dizendo que foi curiosidade, mas ela pergunta se ele não quer contar mais nada, como se adivinhasse que havia algo mais – na verdade, o filho está tentando descobrir a armação que acredita terem feito ao pai dele.

No episódio dezesseis, Peter volta para casa, mas monitorado eletronicamente. Ele não pode sair de casa. Apresenta-se uma situação invertida, porque é a mulher que sairá para trabalhar, enquanto o marido fica em casa, embora ele não exerça as atividades domésticas. Seu dia-a-dia é reunir-se com o seu advogado e uma assessora responsável por sua imagem. Tentam reverter o seu caso, para que tenha a liberdade de volta e poder retornar ao trabalho.

É nesse contexto que se revela a sexualidade de Alicia: atraída por Will, chega a ocorrer o beijo, ela não se permite uma relação imediatamente, porque ainda é casada e pensa nos filhos. No episódio dezessete, após quase se deixar levar pelo sentimento por Will, ela chega em casa e faz sexo com o marido, de forma que se configura apenas necessidade instintiva. Peter sugere que eles vão para o quarto que é dela (ele dorme no quarto de empregada que foi adaptado para isso), mas ela responde de forma incisiva: “Não, aqui!” Na situação, é ela quem manda, quem fica por cima. No dia seguinte, mostra-se fria.

Alguns episódios concentram a ação no caso de Peter e, por isso, não os tomo como relevante para esta análise que considero preliminar. A primeira temporada já se encontra, no mês que escrevo este artigo, no final. Foi ao ar o último capítulo da temporada, com a promessa de que a série continuará e, pelo que indicam os índices de audiência, fazendo o sucesso que deu a Juliana Margulies o Globo de Ouro. Ficam no ar as sugestões para a continuidade da série, como deve ser uma boa chamada para que o espectador continue acompanhando os acontecimentos. Peter, o marido está livre, Alicia supera Cary e permanece na, agora, Lockhart & Gardner.

No episódio vinte e dois, vale a pena destacar a fala da sogra de Alicia, Jackie Florrick (Mary Beth Peil), na comemoração pela liberdade de Peter: “Nós, mulheres, ficamos nas sombras,



sorrimos, confortamos, cuidamos, mas estamos sempre lá. Você é uma boa mulher, Alicia.” E, no episódio seguinte, o advogado de Peter, tentando convencê-la a ficar junto com o marido, para que ele possa ter chance ao se candidatar novamente ao cargo de promotor, diz: “Peter não vence sem você. Peter só vencerá com sua aprovação de *boa dona-de-casa*. Os eleitores precisam ver vocês juntos no palco de mãos dadas”.

Mas nesse mesmo episódio (vinte e três), entrevemos a possibilidade de uma reviravolta na história, quando, durante a coletiva de imprensa, imitando o primeiro capítulo, antes de entrar para ficar com o marido, Alicia recebe um telefonema de Will, sugerindo que ele vai propor algo mais que o relacionamento profissional a ela. Apesar de retrucar, de forma racional e dona de si, perguntando se ele tem um plano, pois alega que tem dois filhos que “*significam o mundo*” para ela, tem a imprensa esperando novo escândalo, tem um marido; parece tentada a atender o telefone quando Will chama novamente.

Dessas primeiras considerações, tiro algumas conclusões a respeito da representação da mãe através da personagem Alicia Florick. A permissão que se lhe dá para mostrar-se um ser sexuado, que tem desejos, apesar de filhos e marido, tira da clausura a mãe ascética e inatingível, retrato de Maria. Ela não é mais ingênua e presa ao lar. Sua saída para o ambiente profissional, transforma-a em termos de imagem e comportamento. Da alegre e obscurificada “mulherzinha” do marido bem sucedido, passa à profissional comprometida, ainda que sem conseguir desvincular-se dos deveres da maternagem, no cuidado com os filhos que disputa com a sogra ou que monitora com a babá que contrata, mas que demite logo em seguida, por não com a forma repressora com que a mesma tratou seus filhos.

Bibliografia

- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. In: *Cadernos Pagu*, Campinas/SP, n. 14, 2000. p. 45-86 Disponível em <<http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad14/n14a03.pdf>> Acesso em 22 fev. 2010.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B.. A ontogênese do gênero. In: STEVENS, Cristina & SWAIN, Tania Navarro (orgs.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008. p. 149-181.
- STEVENS, Cristina M. T. *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007. 253 p.



STEVENS, Cristina M. T. O corpo da mãe na literatura: uma ausência presente. In: STEVENS, Cristina & SWAIN, Tania Navarro (orgs.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008. p. 85-115